

Cães, gatos, mães e pet sitters: a relação entre humanos e animais de estimação e seus contrapontos

Kênia Mara Gaedtke⁵¹

Resumo: As relações interespecíficas estão presentes em nosso cotidiano desde o início do que se convencionou chamar Humanidade, e vêm transformando e sofrendo transformações, marcadas por uma trajetória não necessariamente linear, mas com ambiguidades e controvérsias. Num intento de compreender, a partir de uma mirada sociológica, os cuidados humanos nos processos de adoecimento, envelhecimento e morte de animais de estimação, realizei uma etnografia em um hospital veterinário localizado num bairro de classe média alta na cidade de Curitiba – PR, acompanhando veterinárias e responsáveis pelos animais. Este trabalho expõe as principais reflexões advindas desse contato, especialmente ligadas a emoções e modelo social de afeto, expansão da produção e consumo ligados à saúde animal, luto e procedimentos funerários. Mais do que isso, pretendo apresentar as primeiras impressões surgidas a partir de um grupo focal, desenvolvido posteriormente à etnografia, com estudantes de Educação de Jovens e Adultos na cidade de Jaraguá do Sul - SC, que já atuaram como cuidadoras de animais ou empregadas domésticas em residências em que havia animais de estimação. Diante da dificuldade de compreender aquilo que os próprios cães ou gatos sentem em relação aos humanos, uma saída metodológica interessante é a de contrapor as diferentes visões humanas acerca da relação entre os animais de estimação e seus responsáveis humanos.

Palavras-chave: etnografia; animais de estimação; relações interespecíficas.

A sociedade humana está, desde o seu início, profundamente inter-relacionada com as demais espécies animais. Uma completa transformação na relação entre os humanos e aqueles que chamamos animais (não só os que estimamos) vem sendo identificada e discutida por uma série de autores, como, por exemplo, Derrida (2011, p. 50), para quem “esta alteração, de qualquer maneira que se a nomeie

51 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGSP – UFSC). Professora no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC).



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

ou interprete, ninguém poderá negar que ela se acelera, que ela se intensifica, não sabendo mais para onde ela se dirige, há mais ou menos dois séculos, em uma profundidade e a um ritmo incalculáveis”.

Essas relações interespecíficas ganham atenções diferentes nas diferentes ciências humanas: há áreas que já estão atentas à necessidade de inseri-las nas análises – e a antropologia possivelmente é a principal nesse aspecto -, mas preocupa o certo desinteresse que outras áreas insistem em apresentar para essas relações, e aqui me refiro mais diretamente à sociologia, em especial à produção no Brasil. Pesquisando esta temática há mais de quatro anos, ainda observo o desconforto de alguns colegas sociólogos diante da proposta, bem como a dificuldade de encontrar chamadas de publicações e eventos sociológicos que estejam abertos a esta discussão⁵².

Para Kruse (2002, p. 375), as resistências da sociologia ao estudo dos animais estão diminuindo, mas ainda são fortes. De acordo com o autor, para muitos sociólogos, seu ofício é estudar pessoas, e não outras criaturas. No entanto, quando nos esforçamos em estudar exclusivamente os humanos, paradoxalmente negligenciamos uma grande faceta da existência humana. Afinal, as sociedades humanas estão profundamente relacionadas com outras espécies, muito mais do que a sociologia faz parecer.

Muitos de nós, quando dizemos a outros sociólogos de nosso interesse nos animais, sofremos reações que variam entre diversão e escárnio. Não há razão para isso. Animais compartilham nossos lares como companheiros - os quais muitas vezes tratamos como membros da família; nós ainda podemos comprar roupas para eles, comemorar seus aniversários, e levá-los conosco quando vamos de férias. Ao mesmo tempo, a maioria de nós consumimos sua carne e usamos suas peles. Nós nos referimos a eles quando falamos que alguém é "astuto como uma raposa" ou ao chamar alguém de "vaca" [tradução minha]. (KRUSE, 2002, p. 377)

52 A defesa de um olhar mais atento da sociologia brasileira para as relações entre humanos e não-humanos foi feita no XXXVIII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), disponível em Gaedtke (2014).

Quem ama quem?: Ambivalências e sentimentos sob o olhar das teorias

As ambivalências na relação humano/animal começam já nas definições. O que define qual animal é o quê? Segundo Thomas (2010, p. 159), no início da idade moderna na Inglaterra, há três traços particulares que distinguem o animal de estimação dos demais: permissão de entrar na casa; recebimento de um nome pessoal e individualizado; e a impossibilidade de servir como alimento. Sobre estas características, já haveria fontes documentais a partir do século XV.

Em trabalhos mais atuais, porém, as definições daquilo que se considera um *pet* se tornam mais complexas. Para Wrye (2009, p. 1037), sociólogos e outros estudiosos, particularmente aqueles que trabalham no campo das relações animal-humano, devem lembrar que traçar essas definições deve ser um exercício cauteloso, pois investir em um dualismo pet/não-pet suspeitosamente lembra afirmações do humano como exceção, que situa os seres humanos em oposição aos animais.

Animais de estimação não têm características essenciais e são exclusivamente criados pela visão que os seres humanos têm deles. Esta é provavelmente a razão pela qual não está acordada uma definição do que torna um animal um animal de estimação - há simplesmente muitos traços que ambos os animais - de estimação ou não - possuem [tradução minha]. (Wrye, 2009, p. 1043)

A partir de Wrye, é possível pensar o que define um *animal para amar*, e um *animal para comer*, por exemplo. Seguindo por esse caminho, Gary Francione (2013) tem sido uma voz ativa – e polêmica – dos direitos animais. Ao rejeitar qualquer ideia de animal como recurso ou propriedade, Francione se afasta das teorias de Peter Singer e Tom Regan, que poderiam ser descritos como mais relativistas. E se posiciona de forma clara em relação aos pets: “A indústria pet, ou indústria de ‘animais de estimação’, na realidade não difere da indústria de ‘animais para comida’ ou da indústria de ‘animais para laboratório’”. (op cit, p. 147). Sua crítica não se restringe à indústria em si, mas ao próprio papel de proprietário de animais:

O fato de alguns de nós darmos um grande valor aos nossos companheiros animais não significa que esses animais tenham deixado de ser propriedade. De fato, é precisamente *porque* os pets são nossa propriedade que podemos valorá-los como algo mais do que mercadorias. [...] Se levássemos os interesses dos animais a sério, não os estaríamos domesticando como pets. [...] Por mais que amemos os cachorros e os gatos, eles continuam

sendo nossa propriedade e não conseguimos evitar conceitualizá-los como tal, em qualquer situação hipotética. (FRANCIONE, 2013, 148; 269)

De fato, ambivalências e controvérsias parecem permear essas relações. Em seu artigo, Wrye (2009) retoma alguns autores que irão enfatizar o caráter ambivalente das razões que levam os seres humanos a terem animais de estimação: amor verdadeiro vinculado a um desejo de dominação – afinal tem-se o poder de definir a alimentação, o sono, o modo de vida do animal; preocupações tanto com o bem-estar animal quanto com a qualidade de vida humana adquirida pela companhia do animal; prazer pela companhia que não inviabiliza o uso utilitário do animal (como guarda, caçador, reprodutor, etc.). Aponta também que os animais podem servir ainda como elemento de chantagem em relações humanas – especialmente nas familiares -, ou como objeto de desejo na zoofilia.

Certamente muitos animais de estimação são ativos e imensamente amados. No entanto, nem todos o são. Eles podem ser tratados como bens, como no direito canadense. Podem ser insultados, podem ser usados como brinquedos, ignorados, negligenciados, abusados cruelmente. Animais de estimação parecem existir em um estado estranho, onde podem ser entes queridos, familiares, amigos, descartáveis, companheiros, fontes de apoio, objetos de frustração, pragas, danos ambientais ou vítimas [tradução minha]. (Wrye, 2009, p.1039)

A pesquisa de campo, os afetos – e alguns desafetos

Em busca das respostas para as questões que envolviam os cuidados humanos nos processos de envelhecimento, adoecimento e morte de animais de estimação, a pesquisa empírica teve muitas frentes⁵³. Além de mapear os aspectos políticos (frentes parlamentares, projetos de lei, propostas de campanhas, etc.) e econômicos, através dos investimentos da indústria farmacêutica na saúde animal, em específico, e da indústria pet em geral (acompanhando os lançamentos na maior feira do setor da América Latina, em São Paulo - SP), pareceu fundamental, desde o início, realizar uma etnografia em um hospital veterinário.

53 Trata-se da pesquisa de doutorado, em período de finalização. Alguns dos resultados podem ser encontrados em GAEDTKE (2015, 2016a, 2016b).



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

A etnografia ocorreu em 2015, em um hospital veterinário de atendimento 24 horas localizado em um bairro de classe média alta de Curitiba – PR. Pude acompanhar a rotina daquele espaço a partir de várias perspectivas: a do casal proprietário do hospital; a das médicas; a da recepcionista; a dos responsáveis pelos animais⁵⁴ e inclusive a perspectiva do proprietário do crematório de animais que presta serviço para os clientes do hospital.

Essa incursão tornou perceptível que a relação humano-pet, enquanto fenômeno social, é uma espécie de um pêndulo que oscila entre afeto e mercado, e muitas vezes é difícil definir qual é a relação de causa e efeito: o afeto gera o mercado consumidor, ou o mercado instiga a correlação entre sentir afeto e consumir? De qualquer forma, é possível afirmar que há algo de retroalimentar-se, trazendo inclusive elementos que mesclam afeto, gosto, classe e consumo, lembrando a noção de distinção de Bourdieu (2013), já muito bem trabalhada na relação entre humanos e não humanos por Oliveira (2006).

Ainda assim, a questão das relações de classe (e seus conflitos) ainda não havia surgido tão intensamente no campo – talvez também porque o ponto de partida teórico tratava o tema como “pós-material” (INGLEHART, 2001), como são vistos, por exemplo, os movimentos ambientais, de defesa dos direitos animais ou o veganismo. Todavia, no ano de 2016, quando eu já havia finalizado o campo previsto no projeto, uma conversa em uma aula promoveu um profundo repensar dessa temática: eu lecionava sociologia para uma turma de Educação de Jovens e Adultos no Instituto Federal – estudantes com o perfil típico desse curso: pessoas pobres, que retornavam para a escola depois de muito tempo, com um histórico de desemprego e/ou subempregos. Tratávamos de pesquisa social e lhes expliquei um pouco sobre minha pesquisa de doutorado. As discussões sobre os produtos e serviços hoje disponíveis para pets (fisioterapia, psicoterapia, cremação, cerveja, panetone, sorvete, óleo de massagem, tatuagem) os deixaram estupefatos. Mas três estudantes em especial chamaram minha atenção: elas haviam trabalhado como empregadas domésticas em casas em que havia cachorros de estimação, e uma delas era cuidadora dos animais quando a patroa viajava. Suas histórias eram impressionantes e enfatizavam que os conflitos de classe também estavam ali, imbricados nas

54 As conversas com as responsáveis por animais foram particularmente interessantes: realizei entrevistas de profundidade com pessoas cujos animais haviam morrido há pouco tempo, e seus relatos estavam envoltos de sentimentos característicos do processo de luto.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

já complexas relações interespecíficas. Pedi então às estudantes que fizéssemos um encontro para tratar disso e utilizei o método de grupo focal. Passei a considerar também essas informações em minhas reflexões sobre o tema, e apresento aqui uma amostra das conexões interpretativas que esses campos tão diferentes me possibilitaram, partindo da ideia de *famílias multiespécies*.

Desse modo, dentre o conjunto de transformações que ocorrem nas configurações familiares no cenário das sociedades urbanas contemporâneas, interessa aqui particularmente a noção de famílias multiespécies. Faraco e Seminotti (2010) apresentam a noção de famílias multiespécies a partir de Bowen (1978), apontando a existência de um sistema familiar emocional, que permite incorporar não só pessoas da família estendida ou sem grau de parentesco, mas membros de outras espécies, como cães, gatos ou outros.

Nessa composição familiar, os membros animais, muitas vezes ocupando o papel de filhos, podem estar vinculados tanto ao movimento intitulado *Childfree*, que são pessoas que defendem uma vida sem filhos – humanos (Segata, 2012), quanto inseridos em contextos em que há crianças e adolescentes. Aí, os filhos animais teriam também, muitas vezes, o papel de irmãos. De maneira geral, o que se observa é a “filhotização dos animais”, como apontaram Lewgoy, Sordi e Pinto (2015), o que é também reiterado nas falas dos informantes desta pesquisa: as veterinárias entrevistadas são unânimes ao dizer que a grande maioria dos clientes trata os animais como filhos, e apontam os aspectos positivos e negativos disso. Por um lado, o cliente tende a dispensar um maior cuidado ao animal; mas pode também ocasionar problemas comportamentais nos animais, que agiriam tais como filhos “mimados”. As ambivalências são apontadas em alguns momentos, por exemplo, pela veterinária que afirma que a humanização dos animais ainda lhe choca:

Eu já peguei coisas assim, um animal foi comprado há uma semana, e desta uma semana passou três dias internado, e a pessoa já tava “ai filho, filha...”, e chorava, e isso pra mim é estranho... E ao mesmo tempo que a gente vê gente fazendo isso, a gente vê quem leva o animal embora, recusa atendimento, gente que gasta dinheiro com coleira de brilhante e reclama de pagar consulta, acontece de gente sair de carro importado e dar calote, a gente levou calote de mulher que falou “quer depositar o cheque deposita, ele não tem fundo” já faz de propósito, e você ouvir isso depois de ter salvo dois cães, dois dálmatas, que não são animais baratos, que precisam de investimento, carro importado, condomínio fechado, tudo bonitinho e mesmo assim... (Médica Veterinária I, 2015)



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Dentre as informantes responsáveis por animais, há quem faça a defesa de que “criança é criança, animal é animal” (Responsável pela Sofia, 2015). Mas o olhar para o animal como *neném* é cada vez mais presente:

A gente deixava a televisão ligada o dia inteiro porque eu achava que como ele estava sozinho, a televisão iria ajudar. Todo mundo dizia “gente, não tem nada a ver isso aí”, mas eu penso assim, então eu deixava ligada, e colocava no Discovery Kids ainda (risos) e de manhã cedo eu falava “olha neném, vai começar a Pepa” e ele olhava, então ele assistia mesmo! (Responsável pelo Godofredo, 2015)

Como contraponto, aqui vale destacar dois aspectos que apareceram constantemente na conversa que tive com as estudantes que atuaram como empregadas domésticas em casas com animais de estimação. O primeiro é o estranhamento delas diante da filhotização: “eu entendo o que é amar um cachorro, eu tenho o meu e o amo, mas esse negócio de tratar como filho, chamar de ‘ai meu filhinho’, pra mim isso já é demais. Às vezes eu achava que ela [patroa] amava mais o cachorro que o filho dela” (Estudante I, 2016). O segundo relaciona a filhotização com a questão econômica, quando comentam o valor da ração para os animais, que “é mais cara que o quilo da carne que eu compro pra mim e pros meus filhos” (Estudante II, 2016).

Ao criar um cachorro como um bebê, as tarefas típicas do cuidado com um pequeno humano também se incorporam no cotidiano da família multiespécie, tal como limpar a bunda ou colocar para dormir:

O único probleminha que teve foi que ele não mexia mais o rabo, então a cada *popô* você tinha que limpar com um lencinho, tinha que passar hipoglós porque ele ficava assado, todo o mês, tinha que passar talquinho pra não ficar fedido, no verão quando tava quente ao invés de passar lencinho a gente lavava pra não ficar assado, dava banho (Responsável pelo Godofredo, 2015)

A Tininha quando fazia as necessidades dela você tinha que fazer o “paninho paninho”, você tinha que limpar a bunda dela com lenço umedecido ou com paninho molhado, mas só eu fazia! Ninguém levantava o rabo pra limpar, se eu viajasse uma semana e ficasse tudo duro, ia ficar duro, porque ela não deixava (Responsável pela Tininha, 2015)



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Toda noite [colocava o animal para dormir]. Até ele pegar no sono. Deitava no chão, na caminha dele, e minha mãe brigava comigo porque eu comecei a ter dor na coluna. Ficava toda torta com ele, mas se eu não fosse ele ficava latindo e não dormia. (Responsável pelo Godofredo, 2015)

Há então outra questão importante para compreender a família multiespécie: mais do que os animais serem filhos, as mulheres são mães. A vinculação com a ideia de instinto, que é tanto animal quanto materno, é muito presente quando as mulheres se referem aos animais dizendo que “foi ela quem me escolheu” ou “ele quem me adotou”:

Cheguei lá, olhei o Godofredo, ele olhou pra mim, só tinha ele à venda, os outros já tinham sido todos vendidos, eu não sabia que era só ele, eu o peguei e falei “esse é meu, vou levar, depois o meu marido vem conversar com você”. Não perguntei preço, se podia, nada. Só coloquei ele em mim e decidi que ia levar. (Responsável pelo Godofredo, 2015)

Há uma questão de gênero bastante presente nas famílias multiespécies. Lewgoy, Sordi e Pinto (2015) apontam a dificuldade analítica disso, sendo necessário não estigmatizar ou estereotipar uma situação que já é, por si só, bastante complexa. No caso apresentado por estes autores, as próprias protetoras de animais apresentavam uma indignação maior quando os maus-tratos ou o abandono provinha de uma mulher⁵⁵.

No hospital veterinário, observou-se aos menos três facetas da genderificação da relação humano-animal: alguns responsáveis ainda mantêm um discurso que relaciona castração com comportamento esperado para homens e mulheres. Enquanto há, de acordo com as veterinárias, responsáveis (geralmente homens) que recusam a castração de seus cães machos por afirmarem que isso tiraria a sua masculinidade, uma senhora idosa, aguardando a castração de sua cadela, me falou que a fêmea finalmente aprenderia a lição e pararia de se oferecer aos cachorros da vizinhança – o que me remeteu a uma espécie de castigo moralizante.

Uma segunda questão é o lidar com o corpo do animal morto. Em vários relatos, imediatamente após a morte, a figura da mulher se recolhe na esfera íntima enquanto os homens

55 O trabalho de Pessanha e Carvalho (2015) também traz esse elemento.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

cuidam dos trâmites da destinação do corpo. Por outro lado, a ritualística posterior à morte (altar, fotos, destinação simbólica das cinzas, etc.) é uma tarefa predominantemente feminina.

Há outro apontamento nesse sentido, que se refletiu na própria obtenção de entrevistas: Os homens contatados para falarem sobre a morte do seu animal não se dispuseram a tal, e dos casais contatados, vieram apenas as mulheres. Isso por si só já é um dado relevante, mas a partir de outros elementos do campo, como as entrevistas com as veterinárias ou as observações no hospital, é perceptível que as mulheres tendem a se posicionar em relação aos animais de uma maneira mais protetora, muitas vezes maternal, enquanto os homens os veem como amigos, como companheiros. Este parece ser um aspecto das famílias multiespécies que merece ter mais atenção em trabalhos posteriores, visto que representa a complexidade que envolve a masculinidade e a paternidade nas sociedades contemporâneas.

No seio desta família multiespécie está também a discussão sobre a adoção. Trabalhos como os de Lewgoy, Sordi e Pinto (2015) e Pastori e Matos (2016) apontam para uma forte relação entre a adoção de animais e adoção de crianças:

Tal como na adoção de crianças, cuja preferência é por bebês recém-nascidos, do sexo feminino e de cor branca, o mesmo ocorre com os animais disponíveis para adoção, cuja preferência recai sob aqueles de pequeno porte e ainda filhotes. (Pastori e Matos, 2016, p. 124)

Além disso, este processo de institucionalização da posse de animais até então abandonados carrega em si o conceito de posse responsável, a partir da qual os grupos protetores buscam certificar-se de que a adoção não é mero impulso, ou que o animal não sofrerá privações ou maus-tratos. Por outro lado, há as famílias que querem adotar, mas criticam o excesso de burocracia e a invasão de privacidade que marcam o processo. Muitas alegam inclusive desistir de adotar por estas razões (Lewgoy, Sordi e Pinto, 2015).

Tudo isso parece fazer parte do que estes autores destacaram como uma vigilância biopolítica das relações interespecíficas, de caráter intervencionista, regulador e moralizante (Lewgoy, Sordi e Pinto, 2015). A vigilância fica evidente no discurso da responsabilização que está afixado a uma série



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

de produtos e serviços⁵⁶: microchipe seu pet; quem ama cuida; bicho não é lixo; fim digno; *we take care of their health, you take care of their happiness*; comida de verdade para um amigo de verdade; o cuidado que eles merecem; cães precisam brincar; seu animal mais seguro; enriqueça o ambiente do seu cão; quem é amigo cuida assim; mime seu pet; proteger é seu primeiro gesto de amor, etc.

No entanto, ainda que se projete principalmente sobre a esfera privada, ou seja, sobre a família, há indícios de que a reivindicação dessa vigilância biopolítica é recíproca. Nas entrevistas, nas conversas informais e na análise das redes sociais, é possível notar o rigor com o qual as famílias buscam informações a respeito de seus membros animais, quer seja através dos recursos tecnológicos de captação de som e imagem (pet shops, clínicas, hotéis e creches com videomonitoramento) ou de uma exigência de maior esclarecimento e transparência nos processos médicos e/ou de destinação do corpo após o óbito. As diferentes vigilâncias parecem estar todas calcadas num pressuposto de desconfiança das ações humanas diante da incapacidade de autodefesa animal.

Aqui, parece oportuno trazer o relato da estudante que cuidava dos cachorros de seus padrões quando estes viajavam. Essa informante que, aliás, nessas situações era chamada de pet sitter pela patroa, sem saber o significado da expressão. Incomodada com o “apelido”, perguntou o que significava e então eles lhe disseram que se tratava da baby sitter dos cães – ela, no entanto, afirmou nunca ter gostado de ser chamada assim:

Eu ficava chateada porque quando eles vinham buscar os cachorros no domingo a [patroa] ficava apalpando eles inteiros, olhando tudo, meio que desconfiada que a gente tivesse machucado ou algo do tipo. E isso me chateava porque eu tinha o meu ali também, poxa, se eu cuidava bem do meu, por que eu iria machucar os dela? (Estudante III, 2016).

Nessa rede de relações interespecíficas, acentua-se o caráter dinâmico da domesticação. O processo de domesticação não está dado nem terminado. Tampouco é exclusividade dos animais: os humanos também somos domesticados (Lorenz, 1973; Ingold, 2000; Segata, 2012; Lestel, 2011; Lewgoy, Sordi e Pinto, 2015), e isso se dá de muitas formas: pelo modelo social de afeto e de

56 As frases aqui apresentadas foram retiradas de campanhas publicitárias de produtos e serviços pets, disponíveis em materiais impressos diversos e obtidos também em pesquisa de campo realizada nas edições de 2013 e 2015 da Pet South America, a maior feira de produtos e serviços pets da América Latina, em São Paulo-SP.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

responsabilidade que diz como o animal deve ser cuidado; pelas mudanças no estilo de vida e na rotina que a vinda de um animal à família promove; pelas transformações e novos aprendizados que os processos de adoecimento e envelhecimento do animal exigem (aprender a aplicar injeções, fazer curativos, dar comida na boca, carregar no colo); e pela convivência, pura e simplesmente:

A gente levava ele lá pra cima e ele ficava lá tranquilo. Ai quando ele cansava, latia, e a gente descia ele de novo. Era tudo do jeito que ele queria – ele domesticou a gente perfeitamente. Eu não consegui ensinar nada pra ele! (Responsável pelo Godofredo, 2015).

A casa da família multiespécie, neste processo de domesticação, inevitavelmente acaba por sofrer transformações: seja porque o cão come o pé da mesa ou o gato rasga todo o sofá⁵⁷, nos mais simples dos casos, até famílias que se mudam de apartamentos para casas em busca de espaço e bem-estar para os animais. O caso mais emblemático acompanhado foi o de Godofredo, que *morava* em um andar inteiro do sobrado da família. Quando sofreu uma queda e foi operado, todo o solo do andar foi revestido com material anti-impacto e antiderrapante. Meses depois da morte do animal, aquele espaço da casa continuava sem uso, intacto, com suas coisas dispostas no mesmo lugar.

Por outro lado, a domesticação é ainda mais evidente nos animais. O mapeamento do conjunto de características das famílias multiespécies reforça as transformações que vêm ocorrendo nas relações de afeto. E para que os animais de estimação estejam inseridos nessas famílias, o processo civilizatório parece ter chegado até eles. Muito dos apontamentos feitos pelos autores que pensam a relação entre humanos e pets nos remetem ao que Elias (1994) observava na educação dada às crianças:

O círculo de preceitos e normas é traçado com tanta nitidez em volta das pessoas, a censura e pressão da vida social que lhes modela os hábitos são tão fortes, que os jovens têm apenas uma alternativa: submeter-se a um padrão de comportamento exigido pela sociedade, ou ser excluído da vida num “ambiente decente”. A criança que não atinge o nível de controle das emoções exigido pela sociedade é considerada

57 E nestes casos as médicas veterinárias entrevistadas colocam críticas a uma humanização que retira dos pets a possibilidade de realizarem atividades de animais, como correr em grandes espaços, interagir com outros animais, caçarem, brincarem, etc., pois isso os deixaria naturalmente mais tranquilos e não iriam causar tantos “transtornos”.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

como “doente”, “anormal”, “criminosa”, ou simplesmente “insuportável”, do ponto de vista de uma determinada casta ou classe e, em consequência, excluída da vida da mesma. (Elias, 1994, p. 146)

Como se pode ver, os sentimentos, no interior das famílias multiespecíficas, são intensos e muitas vezes controversos, tais como em uma família exclusivamente humana. A ideia de sacrificar-se pelo outro, a noção de culpa e as crises devido à presença dos animais podem ser mais constantes do que se imagina a priori. Os animais doentes, moribundos, são os que mais incitam as falas de sacrifício. Mais que mera auto-piedade ou sentimento altruísta, o sacrifício pelo outro mostra-se aqui enleado no paradoxal *petshismo* apresentado por Digard (1999), que vê a relação com os pets como um fetiche das sociedades urbanas contemporâneas, supervalorizada e ao mesmo tempo coisificada, permeada de consumo. Uma fonte inesgotável de amor verdadeiro, mas ao mesmo tempo uma responsabilidade do doar-se.

A ideia do animal *especial*, que requer cuidados para além de um animal comum, carrega em si a noção do sacrifício:

A gente teve um bebê especial, que dá mais trabalho ainda! Eu morria de medo de alguém maltratá-lo, nossa, e a gente pensava que ele era mimado porque ele era especial, né? Porque ele tinha tudo quanto era problema, a gente brinca que ele era especial, tadinho (Responsável por Godofredo, 2015).

Ela só viveu esse tempo porque eu cuidei, pelo porte, muito pequenininha, teria ido muito antes, então eu cuidava, levava no veterinário, dava vacina, dava banho. (Responsável pela Tininha, 2015).

Encontrei a Sofia numa situação super triste, ela estava obesa, tava diabética, tava cega, que foi o que mais me chocou quando a gente chegou. E eu fiquei totalmente sem chão, a gente não sabia o que fazer! Aí a cachorrinha ficou na casa da minha irmã, eu ia lá todos os dias, eu tinha a chave da casa, ia à noite com o meu marido, íamos ali, tratávamos, ficávamos com ela, levávamos no parque no fim de semana. Mas eu não curtia mais a Sofia, isso é que foi o pior. Na verdade eu cuidava dela. Mas acho que todo animal você tem que fazer isso, tem que cuidar dele. (Responsável pela Sofia, 2015).



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

A culpa é outro dos elementos característicos da família humana – especialmente da judaico-cristã (Scliar, 2006) -, que não desaparece nas relações interespecíficas. Aqui parece haver ainda um adicional de culpa pela não-agência do animal, por ele não poder expressar-se como os humanos. As culpas dos responsáveis estão ligadas a ter deixado o animal sob o cuidado de terceiros; a deixar outro animal se aproximar de suas coisas após a sua morte; ou até mesmo culpa diante do dilema de ter ou não ter outro animal depois do óbito⁵⁸. Uma veterinária entrevistada, que perdeu seu animal no hospital, mostrou-se culpada por ter feito muita pressão nos colegas para que salvassem sua cachorra. E todas as veterinárias mostram sinais de culpa diante da perda de um animal e do eterno dilema “será que eu poderia ter feito mais alguma coisa?”. Esta pergunta parece ser fonte de culpa não só dos profissionais veterinários, mas também dos responsáveis, especialmente quando precisam autorizar uma eutanásia. E a culpa parece não se dissipar automaticamente junto com a morte:

Eu dou abertura para que eles venham conversar comigo. E eles vêm mesmo, às vezes meses depois, vem conversar, perguntar “mas será que fizemos tudo? E se a gente tivesse tentado tal coisa?”, então isso leva tempo mesmo. (Médica Veterinária II, 2015)

Além da culpa, é possível identificar o ciúme que alguns humanos têm em relação aos seus animais:

Eu tinha muito ciúme. Eles colocaram câmera lá pra gente poder acompanhar o banho e eu fui ver um banho dele, e ele lá, sentadão enquanto a moça dava banho, depois ela começou a secá-lo e ele ficou lambendo o rosto dela, um monte, um monte, eu desliguei. Eu falei “que raiva, eu não vou ver isso”, e ele cheio de amor pra dar (risos).” (Responsável pelo Godofredo, 2015)

A presença de membros de outras espécies na família e a forma como são tratados nem sempre é algo consensual ou pacífico. Os conflitos nas famílias geralmente emergem nas entrevistas e nas

58 Ainda que o tema do “substituto” possa ser motivo de muita culpa, a maioria dos informantes defendeu os benefícios do apego a outro animal após a perda. Novamente o caso de Godofredo chama a atenção: acompanhei a situação quando, no dia seguinte à morte do animal, o responsável telefonou para o hospital e, em tom de desespero, pediu com urgência se não tinham outro cachorro para que ele pudesse comprar, pois sua esposa não havia saído do quarto nem comido desde o dia anterior. A equipe do hospital então, muito pacientemente, lhe explicou que talvez essa não fosse a melhor forma de lidar com o luto.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

observações no campo, e podem estar atrelados à dissonância entre como se dará essa relação (quais espaços o animal ocupará, quanto de atenção, de tempo e de recursos tomará dos membros humanos, etc.), a perda de confiança de que um humano cuidará suficientemente bem do animal, ou até mesmo caso de ciúmes – e aqui, o ciúme é um sentimento que pode partir tanto do humano quanto do animal.

Eu disse “gente, mas você não é veterinária?”, e aí eu me sinto meio assim, porque eu já levei uma dessas: “a veterinária sou eu”, então pra falar qualquer coisa, por exemplo, sobre a doença da Sofia, foi muito difícil pra mim, porque minha irmã dava a entender que tudo ela sabia. Só que ela sabia, mas não teve atitude nenhuma pra ajudar. Não fazia nada, ela não fez nada. Ela ficou de braços cruzados esperando a coisa acontecer (Responsável pela Sofia, 2015)

E tinha que ter tapete em casa, tá? Porque ele só dormia no tapete. E meu marido brabo, reclamando que o tapete tinha cheiro de cachorro, que a casa tava com cheiro de cachorro, e eu dizia é o tapete dele, ué? O que eu posso fazer? Se tirasse o tapete ele ficava brabo! (Responsável pelo Godofredo, 2015)

Essa falta de consenso sobre quais os “limites” do membro não-humano se estende para além da própria família, compreendendo também quem faz a limpeza da casa: “[A patroa] e eu discutimos algumas vezes porque toda semana era a mesma coisa: eu tinha acabado de limpar o chão e o cachorro entrava correndo todo sujo de lama e grama e sujava tudo de novo. Porque ele podia entrar e sair na hora que queria, ele fazia o que queria naquela casa!” (Estudante II, 2016).

O agrupamento familiar multiespecífico, assim, ainda que apresente uma série de características próprias, carrega em si ambivalências, contradições e conflitos inerentes à família unicamente humana. Nem tudo é amor na relação entre humanos e animais.

O público urbano é altamente sensível para com animais de estimação e fauna selvagem – mas altamente ambíguos como consumidores em relação aos animais de produção – na medida em que a era pós-doméstica faz um resgate paradoxal do pré-doméstico, em que era alto o grau de subjetivação de animais não humanos, mesmo as presas de caça (similar ao “animismo” em Descola e Ingold) (LEWGOY, SORDI e PINTO, 2015, p. 83)

Semelhante apontamento é feito por Pessanha e Carvalho (2015), que, ao analisarem as campanhas de marketing voltadas aos responsáveis por animais de estimação, identificaram uma

concomitante antropomorfização afetiva que se dá no ato de consumo, entre os humanos e os animais de estimação. Na linha borrada entre humanidade e animalidade, há espaço para introduzir novos hábitos e necessidades de consumo:

As empresas de bens e serviços para animais de estimação, mesmo cientes da distinção animais e humanos, produzem campanhas de *marketing* onde estas duas categorias se confundem, tendo em vista fortalecer a motivação para a compra de seus produtos por parte dos potenciais consumidores. (Pessanha e Carvalho, 2015, p. 189)

Considerações Finais

As relações interespecíficas nos interessam a partir de muitos pontos de vista. Há elementos que solicitam uma análise antropológica, outros psicológica, outros etológica - ainda que todos, obviamente, estejam permeados por reflexões mais amplas, transdisciplinares. No entanto, há elementos dessas relações, e das famílias multiespécies mais especificamente, que podem e devem ser encarados a partir de uma mirada sociológica.

A verdade é que a perspectiva antropocêntrica da sociologia deve ser superada. A ciência que surgiu para compreender os grandes feitos (e efeitos) da modernidade precisa compreender que o ser humano nunca esteve sozinho nessa empreitada, e que seus objetos de pesquisa – as instituições sociais, os grupos sociais, a vida em sociedade, em geral – sempre estiveram marcados pelas relações interespecíficas.

Trazer a questão de classe para este debate não deve ser encarado, absolutamente, como uma ingenuidade analítica de que pets são exclusividade das camadas ricas. A verdade é que as classes média, média baixa e baixa também têm seus animais de estimação (algumas vezes de raça, comprados com grande esforço), e mantêm o mercado pet brasileiro, o segundo maior do mundo, bastante aquecido. E para esse público consumidor específico, o das classes populares, como já havia demonstrado Bourdieu (2013), há um conjunto de substitutos dos artigos consumidos pelas classes dominantes. No caso do mercado pet, são rações com preços mais acessíveis, bijuterias como substitutos das joias, acessórios e brinquedos de polímeros de qualidade inferior.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

Tratar de classe aqui, então, é exemplar para enfatizar que nem só de costumes e cultura vivem as relações entre humanos e não-humanos, mas que há imbricadas conexões entre os aspectos culturais, psicológicos, históricos, sociais, políticos e econômicos que regem essas relações.

De qualquer modo, é perceptível que há, nas relações interespecíficas, mais elementos e complexidade que nos faz crer uma imagem de um ser humano abraçando seu cachorrinho. Mais do que situações que vinculam classe e distinção, há afetos e desafetos, animais que duram mais que a estimação (Segata, 2016) e uma balança a calcular o tempo todo a relação entre custo e amor.

Bauman (2004) já dizia que estamos em tempos de amor líquido, em que um filho, por exemplo, é acima de tudo, um objeto de consumo emocional.

Objetos de consumo servem a necessidades, desejos ou impulsos do consumidor. Assim também os filhos. Eles não são desejados pelas alegrias do prazer paternal ou maternal que se espera que proporcionem – alegrias de uma espécie que nenhum objeto de consumo, por mais engenhoso e sofisticado que seja, pode proporcionar. Para a tristeza dos comerciantes, o mercado de bens de consumo não é capaz de fornecer substitutos à altura, embora essa tristeza de alguma forma seja compensada pelo espaço cada vez maior que o mundo do comércio vem ganhando na produção e manutenção desses bens. (BAUMAN, 2004, p. 59)

Talvez o que Bauman não previu é que os comerciantes poderiam não encontrar um substituto exatamente à altura dos filhos, mas fariam de tudo para que todos amassem os pets, que apresentam um potencial de consumo vinculado tal qual os pequenos humanos. Nessa sociedade de amor espetacular (e líquido), não ser *petlover* é quase sinônimo de mau caráter. Mas abandonar filhotes de coelhos no mato na segunda-feira em seguida da páscoa é cada vez mais comum.

Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. **Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos**. RJ: Zahar, 2004.

BOURDIEU, P. **A distinção – crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2013.

BOWEN, M. **Family therapy in clinical practice**. New York: Jason Aronson, 1978.

DERRIDA, J. **O animal que logo sou**. São Paulo: Unesp, 2011.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia

Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

DIGARD, J.P. **Les français et leurs animaux – ethnologie d'un phenomene de société**. Paris: Fayard, 1999.

ELIAS, N. **O processo civilizador – volume I**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

FARACO, C. B; SEMINOTTI, N. Sistema social humano-cão a partir da autoipoiese em Maturana. **Psico**, v. 41, n. 3, p. 4, 2010.

FRANCIONE, G. **Introdução aos direitos animais – seu filho ou o cachorro?**. Campinas: Unicamp, 2013.

GAEDTKE, K. M.. Relações entre humanos e animais de estimação: pela defesa de um olhar sociológico. In: **Anais do 38º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais**. Caxambu: ANPOCS, 2014.

_____. A medicalização da vida animal: afeto, cuidado e consumo na relação entre humanos e seus animais de estimação.. In: **Anais do Congresso da Associação Latino Americana de Sociologia – ALAS**. San Jose: ALAS, 2015.

_____. Reflexões Sobre a Morte e o Luto em Famílias Multiespécies. In **Anais da 11th International Conference on Interdisciplinary Social Sciences**. Londres: Common Ground, 2016a.

_____. Os debates sobre direitos animais em espaço políticos brasileiros: ampliação e ambivalências das relações interespecíficas. In: **Anais do XXI Seminário Acadêmico Internacional da Associação dos Pesquisadores e Estudantes Brasileiros em Catalunha**. Barcelona: 2016b.

INGLEHART, R. **Modernización y posmodernización: el cambio cultural, económico y político en 43 sociedades**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas/Siglo Veintiuno, 2001.

INGOLD, T. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. London/NY: Routledge, 2000.

KRUSE, C. R. Social Animals: animal studies and sociology. In: **Society & Animals [online]**. Leiden, v.10, n 4, 2002.

LESTEL, D. A animalidade, o humano e as “comunidades híbridas”. In: MACIEL, M. E. (org.). **Pensar/escrever o animal – ensaios de zoopoética e biopolítica**. Florianópolis: UFSC, 2011.



VI Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia
Instituto de Estudos Brasileiros, USP - 16 a 19 de maio de 2017

LEWGOY, B.; SORDI, C.; PINTO, L.O. Domesticando o Humano: para uma antropologia moral da proteção animal. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 17, n. 2, p. 075-100, 2015.

LORENZ, K. **Civilização e pecado – os oito erros capitais do homem**. São Paulo: Círculo do livro, 1973.

OLIVEIRA, S. B. C. **Sobre homens e cães: um estudo antropológico sobre afetividade, consumo e distinção** (Dissertação de Mestrado – PPGSA/IFCS/UFRJ). Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

PASTORI, E.; DE MATOS, L. G. Da paixão à “ajuda animalitária”: o paradoxo do “amor incondicional” no cuidado e no abandono de animais de estimação. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, v. 3, n. 1, p. 112-132, 2016.

PESSANHA, L. e CARVALHO, R. L. Famílias, animais de estimação e consumo: um estudo do marketing dirigido aos proprietários de animais de estimação. **Signos do Consumo**, v. 6, n. 2, p. 187-203, 2015.

SEGATA, J. Os cães com depressão e os seus humanos de estimação. **Anuário Antropológico**, n. II, p. 177-204, 2012.

_____. Quando o animal dura mais que a estimação. **Mana**, v. 22, n. 3, p. 831-856, 2016.

SCLIAR, M. **Enigmas da culpa**. São Paulo: Editora Objetiva, 2006.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural – mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WRYE, J. “Beyond pets: exploring relational perspectives of petness”. In: **Canadian Journal of Sociology/Cahiers canadiens de sociologie (online)**. 34(4), 2009.